



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação Interdisciplinar
de Professores

INTERDISCIPLINARIDADE E PRÁTICAS SOCIAIS: POR UMA ANÁLISE DO DISCURSO FÍLMICO EM SALA DE AULA

INTERDISCIPLINARITY AND SOCIAL PRACTICES: FOR AN ANALYSIS OF FILM DISCOURSE IN THE CLASSROOM

Fernanda Fernandes Pimentade Almeida LIMA¹

Karem Vieira MANSO²

RESUMO

O artigo que ora apresentamos propõe uma pesquisa-ação que viabilize a interdisciplinaridade na aula de Língua Portuguesa, a partir da exibição e análise do filme *As Sufragistas*. Observamos como este gênero possibilita diferentes leituras sobre a produção de sentidos no cinema que inventaria o comportamento social e político de mulheres britânicas na luta pelo direito ao voto. Assim, pautamo-nos teoricamente em alguns conceitos do postulado da Análise do Discurso francesa, bem como na concepção de gênero discursivo de Bakhtin (2003), entre outros autores, e nas contribuições de Fazenda (2015) sobre o tema da interdisciplinaridade, considerando relevante discutir o filme supracitado na medida em que este possa instaurar um diálogo interdisciplinar na escola. Neste sentido, o discurso fílmico, sob a égide de uma atividade interdisciplinar em sala de aula, pode contribuir para a construção do senso crítico por parte de seus espectadores, alunos e professores, enquanto recurso multissemiótico de leitura no ensino fundamental e médio. Metodologicamente, pautamo-nos em uma perspectiva qualitativa de cunho interpretativo e documental, e propomos uma análise do discurso fílmico enquanto objeto polifônico de problematização, resultante do entrelaçamento das diferentes vozes que o embasam em diálogo com os diversos campos disciplinares.

Palavras-Chave: Gênero Discursivo. Sufrágio Feminino. Interdisciplinaridade. Ensino.

ABSTRACT

The article that we present here proposes an action research that makes interdisciplinarity possible in the Portuguese language class, based on the exhibition and analysis of the film *As*

¹ Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Professora Titular da Universidade Estadual de Goiás. E-Mail ffpalima@uol.com.br

² Graduação em Letras Português/Inglês e suas literaturas pela Universidade Estadual de Goiás Campus Inhumas. E-mail karemmvmm2@gmail.com



Sufragistas. We observe how this genre allows different readings on the production of meanings in the cinema that would invent the social and political behavior of British women in the struggle for the right to vote. Thus, we are theoretically based on some concepts of the French Discourse Analysis postulate, as well as on the conception of discursive genre by Mikhail Bakhtin (2003), among other authors, and on the contributions of Ivani Fazenda (2015) on the theme of interdisciplinarity, considering relevant to discuss the aforementioned film insofar as it can establish an interdisciplinary dialogue at school. In this sense, the filmic discourse, under the aegis of an interdisciplinary activity in the classroom, can contribute to the construction of a critical sense on the part of its spectators, students and teachers, as a multisemiotic reading resource in elementary and high school. Methodologically, we are guided by a qualitative perspective of an interpretative and documentary nature, and we propose an analysis of the filmic discourse as a polyphonic object of problematization, resulting from the interweaving of the different voices that support it in dialogue with the different disciplinary fields.

Keywords: Discursive Genre. Women's Suffrage. Interdisciplinarity. Teaching.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, propomos uma pesquisa-ação com o cinema para a aula de Língua Portuguesa, com uma análise do filme *As Sufragistas* como um gênero potencialmente produtivo para a efetuação de atividades interdisciplinares. Com isso, percebemos como a narrativa se constrói, em recursos linguísticos e multissemióticos, e produz efeitos de sentidos sobre a histórica luta pelo sufrágio feminino no início do século XX.

Os filmes longas-metragens, por serem um recurso de entretenimento, de linguagem lúdica e crítica para alunos e professores, constituem uma estrutura composicional proficuamente dialógica. Nesta perspectiva, realizamos um estudo sobre a utilização do gênero filme em sala de aula, problematizando-o de modo interdisciplinar em sua finalidade educativa. Tentamos, com isso, observar, especificamente, como este gênero possibilita diferentes leituras sobre a produção de sentidos que inventariam ideias de comportamento social e político no cinema. Afora, discutimos como o conteúdo temático veiculado em determinados filmes pode promover interpretações que mobilizam significações sobre a identidade dos sujeitos, sua realidade e sua história.

Ao se estudar esse gênero em sala de aula, podemos observar também como este pode ser trabalhado sob três ângulos que justificam a existência de todo e qualquer gênero discursivo, como o seu conteúdo temático, o seu estilo e a sua construção composicional. Preconizamos que se analise o discurso fílmico como uma significativa forma de produção de sentidos que pode favorecer estudos integrados e interdisciplinares em sala de aula.

Segundo Ivani Fazenda (2015, p. 9), podemos entender a interdisciplinaridade como uma atitude de ousadia e busca frente ao conhecimento, considerando nos aspectos que envolvem a



cultura do lugar onde se formam professores seu aspecto humano. Assistir a um filme em sala de aula é mais do que decodificar a dinâmica de suas imagens, de seu conteúdo, de suas falas, choros e risos, é fazer uma leitura de mundo, não apenas da “palavramundo”, como assegura Paulo Freire (2001), mas do comportamento-mundo, do movimento-mundo, da imagem-mundo, dos sentidos-mundo que, inevitavelmente, convocam um diálogo entre os diversos campos do conhecimento.

Assim, optamos por analisar nesta proposta o filme *As Sufragistas*, lançado em 2015, que retrata a luta das mulheres no Reino Unido pelo direito ao voto. A partir dessa análise, tentamos problematizar algumas passagens, observando que atividades interpretativas podem ser realizadas em diferentes campos, a fim de que se promova uma relação interdisciplinar entre estes. Para esse estudo, pautamo-nos no postulado teórico da Análise do Discurso francesa e de Bakhtin (2003) sobre gêneros discursivos. Consideramos relevante discutir o filme supracitado que apresenta em sua narrativa o comportamento politizado de um determinado grupo de mulheres motivadas por uma luta histórica pelo direito ao voto.

Ao estudarmos os gêneros discursivos, tentamos entender como eles constituem um campo de questões abertas a diferentes disciplinas ou um campo de saberes que podem dialogar entre si. Esse é o liame elementar que se institui entre gêneros discursivos e interdisciplinaridade. Assim, objetivamos produzir um estudo sobre o gênero filme longa-metragem em sua relação com a sala de aula e propor uma atividade prática e interdisciplinar para o ensino fundamental e médio. Como objetivos mais específicos, buscamos analisar como o discurso fílmico pode promover uma reflexão sobre práticas sociais em sala de aula, especialmente, ao mobilizar em suas narrativas determinados temas que situam certas vulnerabilidades na sociedade.

Destarte, a pergunta que norteia o presente estudo questiona se o discurso fílmico, sob a égide de uma atividade interdisciplinar em sala de aula, contribui para a construção do senso crítico por parte de seus espectadores, alunos e professores, enquanto recurso multissemiótico de leitura no ensino fundamental e médio. Essa investigação pauta-se em uma perspectiva qualitativa de cunho interpretativo e documental, e busca propor um estudo do texto fílmico para a sala de aula de Língua Portuguesa e de outras disciplinas, como objeto polifônico de problematização resultante do entrelaçamento das diferentes vozes que o embasam nos diversos campos disciplinares. Com isso, damos margem à possibilidade de, a partir de seus resultados, termos um material que viabilize uma proposta didática para a sala de aula dos ensinos fundamental e médio.

Para atender ao que propomos realizar, dividimos o presente texto em duas partes que discutem, respectivamente, a teoria dos gêneros do discurso de base bakhtiniana e sua relação com as propostas constantes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e as relações que se



estabelecem entre o gênero filme longa-metragem com as práticas sociais e a sala de aula, em que propomos uma atividade prática para as aulas de 9º ano do ensino fundamental e para as três séries do ensino médio, com uma análise do filme *As Sufragistas*. A partir desse filme, fazemos algumas ponderações passíveis de serem desenvolvidas em uma perspectiva interdisciplinar, na tentativa de possibilitar a professores e alunos um olhar questionador sobre o discurso fílmico e o seu estudo em sala de aula.

2 ENTRE PRÁTICAS SOCIAIS: A MATERIALIDADE DISCURSIVA DO GÊNERO FILME

Sabe-se que a linguagem é mobilizada a todo o momento por seus falantes nas variadas formas de interações com o mundo. Isso significa dizer que os textos – sejam eles escritos, orais, gestuais, visuais, multimodais ou multissemióticos – situam-se ou circulam diretamente em diferentes campos/esferas (ou somente campo, terminologia adotada por alguns tradutores de Bakhtin) da atividade humana. A atividade humana é o que há de mais plural no cotidiano das pessoas, pois realiza-se em diferentes práticas, como: na vida cotidiana, na arte, nos estudos e pesquisas, na vida pública, na mídia etc. Ou seja, infinitas e corriqueiras são as possibilidades da interação que a vida proporciona. Sobre essa alteridade que possibilita o diálogo social entre os sujeitos, Bakhtin (2003, p. 261) observa que:

[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso, não contradiz a unidade nacional de uma língua. O emprego da língua efetua-se sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana, o que, é claro em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidas pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. (BAKHTIN, 2003, p. 261).

A linguagem serve a propósitos e finalidades objetivadas por seu enunciador e pelas situações que permitem sua produção. As construções composicionais, o estilo e o tema de um enunciado vão ser mobilizadas de acordo com seu contexto de produção, todos relacionados e conduzidos pela coerência dialogal da comunicação humana. Para Bakhtin (2003, p. 262), esses elementos “estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação”. Por assim dizer, os fenômenos enunciativos e discursivos fundamentalmente se manifestam nas diversas modalidades do cotidiano. A mobilização dos tipos de enunciados vai depender justamente dessa relação indissolúvel.



Percebe-se uma coexistência entre língua e vida que conduz o olhar bakhtiniano sobre a linguagem. Bakhtin explica que “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua” (BAKHTIN, 2003, p. 265). Em outras palavras, a língua se realiza na vida, e a vida se realiza por meio da língua. Tal percepção é elementar à definição de gêneros do discurso proposta por Bakhtin (2003, p. 262-263) quando atesta que “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. As possibilidades dos gêneros do discurso são numerosas e expansivas, pois a socialização com o mundo (as atividades humanas) é igualmente profusa.

Bakhtin (2003) não se ocupa com as propriedades estruturais formais dos gêneros discursivos, mas com a dinamicidade da língua para explicar a construção enunciativa, e não entende o gênero como um produto estático, uma forma que se produz. Definitivamente, nesta perspectiva, gênero não é forma. É por esse viés que se reafirma a justa relação gênero/atividade humana e se revalida a conexão entre enunciados e interação social. Salientamos que, enquanto discutimos a teoria proposta por Bakhtin (2003), estamos pensando na prática da sala de aula e, por extensão, considerando a relação entre arte cinematográfica, linguagem e história em sala de aula.

Em nossa proposta não há sobreposição da linguagem sobre a arte cinematográfica e nem sobre a história, há sim um diálogo entre esses saberes que produzem verdades sobre as mulheres e suas lutas na cenografia que embasa *As Sufragistas*; e mostram que os sujeitos e suas identidades são uma fabricação histórica. Ao considerar que o gênero discursivo mobiliza discursos por meio de uma cenografia, Maingueneau (2004, p. 96) afirma que:

[...] A cenografia é, ao mesmo tempo, aquilo de onde vem o discurso e aquilo que esse discurso engendra; ela legitima um enunciado que, em troca, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cenografia da qual vem a fala é, precisamente, a cenografia necessária para contar uma história, denunciar uma injustiça, apresentar uma candidatura em uma eleição etc. (MAINGUENEAU, 2004, p. 96).

Depreendemos dessas considerações que a heterogeneidade das relações simbólicas se inscreve nos gêneros do discurso. Assim, estes devem ser estudados, principalmente, considerando-se as práticas que situam os sujeitos em seu cotidiano e em sua história. Rojo (2015, p. 44) soma voz à teoria bakhtiniana e pontua que a definição de “gêneros” fica subordinada ao funcionamento social diversificado das instituições humanas, que promovem interação entre as pessoas, por meio da utilização da língua. Para isso servem os gêneros, em sua variedade e heterogeneidade. Uma abordagem reducionista dos gêneros do discurso como estrutura pode não dar conta da pluralidade dos campos da atividade humana, não abrangendo



a heterogeneidade da língua em sua profícua interação com o mundo, causando discrepância nessa dualidade. Se pensamos em formas não aprimoramos a prática, nem a reflexão temática, não construímos e nem despertamos senso crítico nos alunos.

Analisar a narrativa do filme em questão, observando como o seu conteúdo temático, estilo e estrutura composicional, em conjunto, podem possibilitar atividades práticas interdisciplinares no ensino fundamental e médio é uma das finalidades que tentamos alcançar. Afora, é válido entendermos como esse gênero pode dialogar com as competências e habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sobre o uso das diferentes linguagens audiovisuais que podem ser trabalhadas em sala de aula.

Dentre as áreas do conhecimento previstas na BNCC (2018), situamo-nos na área de Linguagens, cujos componentes curriculares são: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. A primeira competência específica de Linguagens, entre as seis apresentadas para o Ensino Fundamental, prescreve o seguinte: “compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais” (BRASIL, 2018, p. 65). São múltiplas as ações que envolvem um necessário engajamento de professores e alunos, em que se considerem as ações cotidianas dos sujeitos e a relação que eles estabelecem com o mundo, com o seu lugar social e territorial. Para que a compreensão aconteça, a multiplicidade de gêneros discursivos e o diálogo entre as disciplinas escolares, além de cruciais, devem ser significativos.

Em Língua Portuguesa, são apresentados quatro eixos correspondentes às práticas de linguagem, a saber: a Leitura, a Produção de Textos, a Oralidade e a Análise Linguística/Semiótica. Leitura na BNCC diz respeito “não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (BRASIL, 2018, p. 72). Nesse eixo, há uma brevíssima menção ao gênero “filme”, como imagem em movimento que deve ser lida. O campo artístico-literário, possivelmente, é o que mais referencia o “cinema” como uma manifestação artística prevista nas diversas habilidades remissivas à prática da leitura e aos objetos de conhecimento que preveem a relação entre textos, estratégias de leitura, apreciação e réplica, e reconstrução da textualidade e compreensão dos efeitos de sentidos provocados pelos usos de recursos linguísticos e multisemióticos (BRASIL, 2018, p. 186). Assim, assistir a filmes em sala de aula é realizar uma leitura, é entender processos de interação entre os sujeitos e as condições em que são produzidos os diferentes discursos mobilizados não apenas nos filmes, mas nos diversos



campos da atividade humana.

Por meio da observação do gênero filme longa-metragem, os alunos podem experienciar um pouco da sensibilidade, do comportamento e do olhar que a arte cinematográfica lhes possibilita. É um viés que se estabelece entre o mundo deles e o mundo fictício, com isso, inevitavelmente, priorizamos a prática da reflexão.

Não podemos nos deter em formas ou em “fôrmas” de gêneros, mas em saber como permitem que reflitamos sobre nossas práticas sociais em sala de aula. Com base no gênero filme, que pode ser aqui definido, como “qualquer sequência de cenas cinematográficas (drama, comédia, documentário etc.), registrada em filme/fita (película de acetato de celulose – primitivamente de nitrato de celulose – revistada por uma emulsão sensível à luz e destinada a registrar imagens fotográficas)” (COSTA, 2008, p. 100), os alunos entram em contato com a ficção, com um mundo simbolicamente retratado em cenas que, em sua multissemiotividade, despertam sentimentos.

Em uma breve apresentação, *As Sufragistas* é um filme franco-britânico, cujo gênero classifica-se como drama biográfico. Foi lançado em 30 de outubro de 2015 no Reino Unido, sendo realizado por Sarah Gavron e escrito por Abi Morgan. É protagonizado por Carey Mulligan (no papel de Maud Watts), Helena Bonham-Carter (Edith Ellyn), Meryl Streep (Emmeline Pankhurst), Bem Whishaw (Sonny Watts), Brendan Gleeson (Steed) e Anne-Marie Duff (Violet Miller) que, pela atuação, remetem sentidos a um passado não muito distante da luta de um grupo feminista de mulheres do Reino Unido, no ano de 1912, pelo direito de votar.

Figura 1: Imagem do Cartaz de *As Sufragistas*



Fonte: Site Obvious

O filme inicia-se com vozes masculinas que imbricam um discurso predominantemente patriarcal movido pela disparidade de direitos: “As mulheres não têm a serenidade de espírito ou equilíbrio mental para exercer julgamentos em assuntos políticos”; “Se permitirmos que as mulheres votem, será à custa de estrutura social”; “As mulheres estão bem representadas por seus pais, irmãos e maridos”; “Uma vez concedido o voto, será impossível parar por aí. As



mulheres exigirão o direito de participar do parlamento, de se tornarem ministras e juízas”.

Nesse contexto, o grupo militante decide vigiar atos de injustiça, quebrando vidraças e explodindo caixas de correio, como um modo de resistência e de chamar a atenção dos políticos locais à causa. Maud Watts (Carey Mulligan), protagonista, vinte e quatro anos de idade, sem estudos e sem formação política, descobre o movimento e passa a cooperar com as novas feministas. Ela enfrenta grande pressão da polícia e dos familiares para voltar ao lar e se sujeitar à opressão masculina, mas decide que o combate pela igualdade de direitos merece alguns sacrifícios.

A estrutura narrativa de *As Sufragistas* incorpora valores, imagens, temas e enunciados que concentram não apenas a luta feminina pelo voto, mas pelo direito à dignidade da cidadania. Michelle Perrot (2007, p. 16) reitera que as mulheres ficaram por muito tempo fora do relato da história, “como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal”. Protestar contra a invisibilidade, contra o machismo, dá a perceber a coesão das funções sociopolíticas de um grupo de mulheres politicamente engajadas em sua história.

O filme reveste-se de uma memória que se inscreve nas falas de suas personagens e traduz uma realidade da história das mulheres, um fragmento de uma história de mulheres que não se encaixavam nos padrões enunciados em uma sociedade patriarcal e excludente. As figuras femininas estabelecidas na narrativa remetem a uma ordem social e institucionalmente oprimida, mas também a uma luta política de resistência.

Portanto, a escolha de *As Sufragistas* para este trabalho situa-se em um espaço de crítica às formas de opressão que povoam a história das mulheres. A possibilidade de gerar um debate pautado pela interdisciplinaridade, que promova reflexões, que questione a condição da mulher e seus silenciamentos na atualidade, é uma forma de pensar a existência da mulher não como uma herança natural relegada ao sofrimento e ao degredo do espaço público, mas como uma construção histórica passível de transformação.

3 A RELEVÂNCIA DO DISCURSO FÍLMICO EM SALA DE AULA: POR UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR

Fruto de algumas reflexões acerca do comportamento rebelde no século XX, que tenta entender como alguns filmes produzidos nesse século forjaram diferentes comportamentos e conquistas para os sujeitos, entre questões políticas, históricas e ideológicas, o filme *As Sufragistas* não deixa de ser um texto que pode sugerir leituras da realidade histórica da



sociedade. Em vista disso, uma vez implantada, a BNCC e os currículos consubstanciam em “decidir sobre formas de organização interdisciplinar dos componentes curriculares e fortalecer a competência pedagógica das equipes escolares para adotar estratégias mais dinâmicas, interativas e colaborativas em relação à gestão do ensino e da aprendizagem” (BRASIL, 2018, p. 16). Portanto, a organização interdisciplinar, em sentido geral, a interação e a inter-relação devem coexistir entre as distintas disciplinas.

Assim, escolhemos esse filme como uma proposta interdisciplinar de estudo para a sala de aula que pode ser trabalhada no ano final do ensino fundamental e no ensino médio. É válido ressaltarmos, segundo a acepção de Fazenda (2014), a diferença entre interdisciplinaridade escolar e interdisciplinaridade científica. Para a autora,

[...] interdisciplinaridade escolar não pode confundir-se com interdisciplinaridade científica [...]. Na interdisciplinaridade escolar a perspectiva é educativa, assim os saberes escolares procedem de uma estruturação diferente dos pertencentes aos saberes constitutivos das ciências. Na interdisciplinaridade escolar as noções, finalidades, habilidades e técnicas visam favorecer, sobretudo, o processo de aprendizagem respeitando os saberes dos alunos e sua integração. Cabe-nos também mais uma vez reafirmar a diferença existente entre integração e interdisciplinaridade [...] ao pensarmos em Didática, Prática de Ensino e Direitos Humanos. (FAZENDA, 2014, p. 5).

Em conformidade com esse entendimento conceitual, depreendemos que o trabalho com a interdisciplinaridade tem certa complexidade e requer uma interação conjunta sobre a sua realização teórica e prática na escola. O filme *As Sufragistas* é aqui, apenas, uma amostra que, à luz de uma proposta discursiva e interdisciplinar, torna possível um diálogo entre este gênero e os seus espectadores, entre os problemas que ele aborda e a sala de aula.

Nas palavras de Haas (2011, p. 61), ao acrescentarmos um compromisso com a interdisciplinaridade, tornamos necessário o movimento de integração entre as disciplinas ao mesmo tempo em que desencadeamos “um processo de revisão e atualização de cada uma das disciplinas. Admite-se que a Interdisciplinaridade propõe novas relações entre as disciplinas, ampliando os espaços de intercâmbio dinâmico e experiências pedagógicas inovadoras”. No entanto, esse trabalho deve ser pensado de maneira a não sobrepor um conhecimento, produzido em uma determinada área do saber, a outro, mas promover a conexão entre eles. Reiteramos que a práxis interdisciplinar possibilita que o diálogo entre as diferentes disciplinas integre os diversos saberes, dando-lhes sentido e, assim, possibilitando ao aluno uma aprendizagem significativa por meio das conexões que realiza em seu entendimento. É por esse viés que:

[...] a prática interdisciplinar pressupõe uma desconstrução, uma ruptura com o tradicional e com o cotidiano tarefairo escolar. O professor interdisciplinar percorre as regiões fronteiriças flexíveis onde o "eu" convive com o "outro" sem abrir mão



de suas características, possibilitando a interdependência, o compartilhamento, o encontro, o diálogo e as transformações. Esse é o movimento da interdisciplinaridade caracterizada por atitudes ante o conhecimento. (FAZENDA, 2008, p. 82).

Isso posto, pensar em interdisciplinaridade requer que transpássemos práticas educacionais tradicionais, lineares, fragmentadas, unitárias e reducionistas do senso crítico e da reflexão – de modo a incorporar conhecimentos, bem como de chamar os alunos à participação ativa em seu próprio processo de construção, de formação e de intervenção crítica na realidade em que se instauram. De sorte que o pensamento interdisciplinar, em sua totalidade, pode valer-se de saberes mais aprofundados concernidos à realidade. Para isso, Anjos (2015, p. 39) ressalta que “é necessário ter claro que não se trata apenas de tomar emprestados conceitos de outras disciplinas, mas se faz mister que haja representação, julgamento e incorporação de elementos sociais, culturais, científicos e educacionais como temas em exponencial discussão.”

A abordagem interdisciplinar, aqui proposta, poderia agregar atividades em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e/ou outras línguas e linguagens, Arte, Educação Física, História, Geografia, Matemática, Informática, Ciências, Química, Biologia, Física e suscitar debates com temas transversais. Nesses termos, pensamos em alguns exercícios que podem ser realizados em sala de aula, após a exibição do filme e de uma exaustiva discussão a respeito do tema que nele se inscreve. A partir disso, propomos as seguintes orientações que podem ser inicialmente apresentadas aos professores de cada área, para que ponderem e considerem se o contexto da discussão é significativo aos seus alunos:

- a) Língua Portuguesa: solicitar aos alunos a produção de um resumo crítico do filme que discuta seu conteúdo temático, o confronto entre os discursos militantes e os conservadores, as diferentes formas de linguagem e comunicação que envolvem as sufragistas em sua luta pelo direito ao voto. Há também outras formas de comunicação que podem ser observadas, como a que se estabelece entre a protagonista Maud e o seu filho. Pode-se refletir sobre os efeitos dessa narrativa para os discursos da atualidade, ou seja, que memória, hoje em dia, embasa enunciados que convocam um passado, uma história já contada, que ressoa no presente, revestida de preconceitos sobre as mulheres?
- b) Língua Inglesa: contemplar, inicialmente, a prática oral e auditiva dos diálogos entre os personagens. Em seguida, organizar os alunos em grupos e realizar atividades que os façam produzir em inglês algumas perguntas remissivas ao entendimento da narrativa para serem dirigidas aos colegas de sala. Estes, por sua vez, devem produzir respostas e expressá-las oralmente também em inglês; atividades de gramática também devem ser abordadas para que aprimorem o conteúdo que está sendo estudado.



c) Arte: mobilizar conhecimentos sobre a arte cinematográfica, mais conhecida como a sétima arte, a captação das imagens digitais ou em película, a fotografia, o movimento, a luz e as cores que se expressam no filme e o traduzem como expressão de arte. Outra possibilidade é a escolha de uma cena em que se mobilize uma atividade artística, como, por exemplo, a cena do presentinho que a protagonista dá ao seu filho no aniversário dele. O desenho que aparece em uma folha de jornal, como um molde prévio do devido presente que seria produzido com pano e linha. A arte aqui estende sua função intersubjetiva e configura-se por seu papel na história. O elefantinho constitui um objeto que pode traduzir na cena a relevância da arte para aquele grupo menos favorecido da sociedade britânica.

d) Educação Física: discutir com os alunos como os corpos das funcionárias da lavanderia estavam debilitados devido às condições precárias e à exaustiva carga-horária de serviço que lhes eram impostas. Isso as impedia de fazerem uma atividade física, observe-se com isso que a ginástica laboral foi uma conquista, talvez um sopro de liberdade para que se eduque fisicamente o corpo dos trabalhadores e o torne mais produtivo. Até que ponto podemos relacionar o bem-estar dos trabalhadores à produtividade e a quem isso interessa?

e) História: como esse filme tem uma singular relevância por retratar, com base em fatos reais, a luta do movimento sufragista na Inglaterra no ano de 1912, cuja sociedade era marcadamente patriarcal e misógina. O professor pode solicitar pesquisas sobre a conquista do voto feminino, sobre a época do filme, que identifiquem como as personagens materializam uma história em suas falas, em suas relações trabalhistas e até em seu figurino. Em outras palavras, o que pode ser lembrado nos discursos da atualidade que pode trazer à tona a memória da devida época na conquista do voto das mulheres nos países europeus, em outros continentes e no Brasil?

f) Geografia: pesquisar sobre as questões climáticas na Inglaterra da época, cujo clima chuvoso de temperatura fria propiciava o uso de indumentárias características. Isso remete também à localização geográfica no continente europeu, à arquitetura urbana do centro e das periferias, à diferente distribuição de renda e dos espaços entre os seus moradores.

g) Informática: orientar os alunos à observação de cenas que apresentem efeitos especiais, digitais, como aqueles apresentados nas explosões, bem como a fotografia do filme, ou a digitalização que pode ser observada nas imagens promovendo efeitos sobre as cores monocromáticas das cenas.

h) Matemática: observar o valor do salário das funcionárias da fábrica e fazer uma conversão da moeda naquele tempo, o que daria a entender as condições indignas e



dissimétricas em que viviam as mulheres, principalmente em relação aos homens, à época retratada no filme.

i) Física: percorrer sobre o cálculo da dinâmica da corrida dos cavalos e o impacto do atropelamento que causou a morte da sufragista, observa-se a dinâmica das forças opostas provocadas pelo choque que encerra o desfecho do filme.

j) Química: produzir um texto sobre o composto químico da pólvora que a farmacêutica prepara para os ataques militantes, bem como sobre as substâncias utilizadas nos chás que praticamente dão uma identidade aos costumes da Inglaterra, o chá tem um papel na cultura inglesa.

k) Ciências/Biologia: entender a questão do corpo, suas limitações e fragilidades ante as exigências trabalhistas feitas às operárias, as doenças que afligiam a sociedade da época, bem como o corpo feminino discursivizado de modo preconceituoso e até explorado pelos homens.

l) Temas transversais: refletir sobre as diferenças históricas nas relações de gênero, suas desigualdades, a exploração sobre o trabalho das mulheres no início do século XX, a agressão, o estupro, leis de amparo à mulher genitora que praticamente não existiam e não lhe permitiam direitos sobre os seus filhos, nem muito menos sobre o exercício de sua cidadania, uma vez que não podiam votar.

Traçar linhas comparativas daquela época com a atualidade, bem como salientar as mudanças ou progressos gerais conquistados pelas mulheres desde o século passado e apontar ações que podem ser articuladas para fins de se consolidar e ampliar a luta feminina.

Ao observarmos o modo como o filme materializa os sentidos no curso de sua narrativa, vemos como pode ser produtivo o trabalho com a Língua Portuguesa em uma perspectiva interdisciplinar. Esta pode levar alunos e professores a construir criticidade no processo de leitura e interpretação não somente de filmes, mas de diferentes gêneros multissemióticos. Esse conjunto de disciplinas, com suas devidas propostas de estudos, examina os sentidos que se movimentam no longa *As Sufragistas*. São disciplinas que se convocam e conduzem o leitor-espectador a uma significação maior do discurso fílmico e ao entendimento das diferenças que se inscrevem entre homens e mulheres na sociedade inglesa em meados de 1912.

As personagens sufragistas são típicas de uma luta, tipos que enfrentam conflitos internos e o dissabor das diferenças que tentam silenciá-las na sociedade da época. Convocadas à luta pelo direito ao voto, não negam os desafios impostos a si mesmas e garantem coerência entre seus discursos, ações e atitudes. Por razões óbvias, a narrativa nos dá a perceber os silêncios que elas tentavam romper naquela época, marcada por lutas inglórias. Conforme atesta Michelle Perrot (2007, p. 17), “em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem



parte da ordem das coisas. É a garantia de uma sociedade tranquila. Sua aparição em grupo causa medo. [...] Sua fala em público é indecente”. Daí, o silêncio que se lhes impunha, acompanhado da humilhação, da condenação e da exclusão que lhes eram devidas.

Não nos propomos discutir neste artigo uma história das mulheres, pois excederia seus objetivos. Todavia, deixamos aqui alguns sentidos advindos dessa narrativa cinematográfica que sinalizam um pouco dos duelos que as mulheres ainda travam na atualidade e que, por extensão, convocam seus espectadores à reflexão no campo escolar.

De acordo com Napolitano (2015, p. 21),

[...] as chaves de leitura e abordagem de cada filme, construídas conjuntamente pelo professor e orientadores, com base nas sugestões de especialistas e das próprias descobertas práticas na sala de aula, é que vão determinar o sucesso das atividades e a adequação dos filmes ao segmento específico de alunos que constituem o público-alvo das atividades. Não há fórmula mágica nem receita teórica que substituam a reflexão e a perspicácia do professor em relação aos seus alunos.

Como observamos, as atividades interdisciplinares aqui propostas tentam sensibilizar e chamar o aluno à reflexão, à observação e à capacidade de julgamento do tema abordado no filme com a mediação do professor. Assim sendo, é possível entendermos como o gênero filme institui uma convivência dialógica entre disciplinas, considerando o espaço escolar como um ambiente socialmente privilegiado para a sua exibição, problematização e estudo. É um objeto que possibilita que a interdisciplinaridade seja possível em todos os campos disciplinares e que a prática educacional seja significativa à formação cultural dos alunos.

Napolitano (2015) reitera que nem todos os professores são afeitos a instituir em sala de aula uma postura interdisciplinar, mas é preciso que sejam dados passos em busca de sua realização entre educadores, para que a linguagem se manifeste como um viés de compreensão não apenas do discurso fílmico, mas das práticas sociais que embasam a realidade e a história dos sujeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, para além uma proposta para o uso do gênero filme em sala de aula, buscamos observar este gênero como uma expressão da vida, do cotidiano que situa e movimenta os sujeitos em sociedade na medida em que exercem seus valores, seus costumes e condições de existência. Depreendemos, ainda, que ao ser discutido em uma perspectiva interdisciplinar, o filme favorece o debate, a expressão da opinião, identificações, desidentificações, e desenvolve a reflexão, a criação, o movimento de interpretação. Pode despertar no aluno outras leituras de mundo. Necessariamente, o discente deve ser convocado à



reflexão sobre o conteúdo temático do filme exibido em sala, em que se observem as relações que este firma com o passado, com a atualidade e com o futuro. É uma atividade prática a ser pensada em primeiro lugar.

O professor, ao exibir um filme em sala de aula, deve possibilitar sua análise conjunta, lançar perguntas e provocar a reflexão à coletividade que o assiste. A discussão deve permear todas as disciplinas de modo que os posicionamentos críticos e plurais se revelem em todas as áreas disciplinares que embasam o processo de formação escolar.

Ainda que saibamos, assim como assinalou Barthes (1993, p. 139), que “o sentido já está completo, postula um saber, um passado, uma memória, uma ordem comparativa de fatos, de ideias, de decisões”, ele sempre reclama uma reflexão a mais sobre linguagem, sobre história, sobre identidades e sobre outras coisas. *As Sufragistas* constitui, antes de tudo, um objeto de estudo, é um sentido sobre a história das mulheres e de seus silenciamentos, um sentido que produz muitos outros sentidos em vias de completude e nas vias de retrocessos que ainda se inscrevem na atualidade.

5 REFERÊNCIAS

ANJOS, Malyta Brandão dos. Interdisciplinaridade na condução docente: impressões a partir da vivência. In: PINHO, Maria José de; SUANNO, Marilza Vanessa Rosa; SUANNO, João Henrique; FERRAZ, Elzimar Pereira Nascimento (orgs.). **Complexidade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade na educação superior**. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2015. p. 33-48.

AS SUFRAGISTAS. Realização de Sarah Gavron. Produção de Alison Owen e Faye Ward. Argumento de Abi Morgan. Cinematografia de Edu Grau. Edição de Barney Pilling. Intérpretes: Carey Mulligan; Helena Bonham Carter; Brendan Gleeson; Anne-Marie Duff; Bem Whishaw; Meryl Streep e outros. Reino Unido: Produtora Pathé Films; Ingenious Media; Rubi Films, 2015. YouTube (106 min), son, color, dublado. Disponível em: <https://youtu.be/VTTy39nxGc4>. Acesso em: 31 mai. 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongermino, Pedro de Souza. 9. ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1993.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. Acesso em: 05 jun. 2020.

COSTA, Sérgio R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.



COURTINE, Jean-Jacques. **Metamorfoses do discurso político**: as derivas da fala pública. Tradução de Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/fazenda-org-o-que-c3a9-interdisciplinaridade.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: didática, prática de ensino e direitos humanos? In: CAVALCANTE, Maria Marina Dias et al. (Org.). **Didática e prática de ensino**: diálogos sobre a escola, a formação de professores e a sociedade. Livro 4. Fortaleza, CE: EDUECE, 2014. p. 2-12. Disponível em: http://www.uece.br/endipe2014/ebooks/livro4/58.%20INTERDISCIPLINARIDADE_%20Did%C3%A1tica,%20Pr%C3%A1tica%20de%20Ensino%20e%20Direitos%20Humanos_.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade: didática e prática de ensino. **Interdisciplinaridade**, São Paulo, v. 1, n. 6, p. 9-17, abr. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/interdisciplinaridade/article/view/22623>. Acesso em: 01 jul. 2020.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 42. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 87 p.

HAAS, Célia. A Interdisciplinaridade em Ivani Fazenda: construção de uma atitude pedagógica. **International Studies on Law and Education**, mai-ago 2011, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, 2011. Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle8/55-64Cel.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. Primado do interdiscurso. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução de Ângela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2007.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jacqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.